

Um equívoco da/pela história: o trabalho da memória discursiva em uma paráfrase visual do uniforme de prisioneiros dos campos de concentração

A equivocality of/by History: the work of discursive memory in a visual paraphrase of the uniform of concentration camps prisoners

Un equívoco de la/por la historia: el trabajo de la memoria discursiva en una paráfrasis visual del uniforme de prisioneros de los campos de concentración

Karine Giroto Barbara

 <https://orcid.org/0000-0001-7601-3156>

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo

 <https://orcid.org/0000-0003-1039-8318>

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Resumo

Neste artigo, pautados na Análise de Discurso materialista de vertente pecheuxtiana, tomamos como objeto de estudos um conjunto listrado posto à venda no comércio varejista brasileiro em 2023. A escolha por esse material de análise se deu após uma incômoda associação, nas redes sociais, da referida peça de roupa aos uniformes dos prisioneiros dos campos de concentração. Diante disso, objetivamos compreender como o conjunto listrado produziu sentidos de modo a possibilitar tal referência. Para empreender esse gesto analítico, mobilizamos o dispositivo teórico desenvolvido por Pêcheux e, mais especificamente, os conceitos de formações discursivas, esquecimento, memória discursiva, paráfrase e polissemia. Como resultado, destacamos que o conjunto listrado pode ser considerado, discursivamente, uma paráfrase visual dos uniformes dos campos nazistas, colocando em funcionamento, em meio ao trabalho do equívoco, uma tensão entre um processo de (re)conhecimento e (des)conhecimento do Holocausto (e portanto da História) e do próprio consumidor.

Palavras-chave: análise de discurso, paráfrase visual, holocausto.

Abstract

In this paper, based on materialist Discourse Analysis from a Pecheuxtian perspective, we take as our object of studies a striped set offered for sale in Brazilian retail in 2023. The choice for this analytical material took place after an uncomfortable association, on social media, of the aforementioned piece of clothing with uniforms of concentration camp prisoners. Thus, we aim to understand how the striped set produced meanings effects in order to make such a reference possible. To undertake this analytical gesture, we mobilize the theoretical background developed by Pêcheux and, more specifically, the concepts of discursive formations, forgetting, discursive memory, paraphrase and polysemy. As a result, we highlight that the striped set can be considered, discursively, a visual paraphrase of the uniforms from the Nazi camps, put in functioning, of the work of equivocality, a tension between a process of (re)cognition and (un)knowing of the Holocaust (and therefore of History) and of the consumer himself.

Keywords: discourse analysis, visual paraphrase, holocaust.

Resumen

En este artículo, pautados en el Análisis del Discurso materialista del enfoque pecheuxtiano, tomamos como objeto de estudios un conjunto rayado puesto a la venta en el comercio minorista brasileño en 2023. La elección por ese material de análisis se dio después de una incómoda asociación, en las redes sociales, de dicha pieza de ropa a los uniformes de los prisioneros de los campos de concentración. Por lo tanto, nuestro objetivo era entender cómo el conjunto rayado produjo sentidos para hacer posible tal referencia. Para emprender ese gesto analítico, movilizamos el dispositivo teórico desarrollado por Pêcheux y, más específicamente, los conceptos de formaciones discursivas, olvido, memoria discursiva, paráfrasis y polisemia. Como resultado, destacamos que el conjunto rayado puede ser considerado, discursivamente, una paráfrasis visual de los uniformes de los campos nazis, poniendo en funcionamiento, en medio del trabajo del equívoco, una tensión entre un proceso de (re)conocimiento y (des)conocimiento del Holocausto (y por lo tanto de la Historia) y del propio consumidor.

Palabras clave: análisis de discurso, paráfrasis visual, holocausto.

Um incômodo inicial

Pêcheux (2006, 2014a), ao tratar do trabalho sobre materialidades discursivas, fala da possibilidade de se analisar sistemas de signos não linguísticos, tais como comportamentos e gestos (PÊCHEUX, 2014a) e, também, formas culturais e estéticas (PÊCHEUX, 2006). Esta última refere-se a enunciados artísticos, os quais nem sempre são construídos pela linguagem verbal. Assim, o filósofo abre espaço para que o não-verbal, através do simbólico, seja também considerado discurso.

Na esteira dessas considerações do estudioso francês e de seus caudatários brasileiros, como Lagazzi (2015, 2021) e Leandro Ferreira (2013), que já iniciaram a empreitada de análise discursiva sobre materialidades que vão além do verbal, buscamos, neste trabalho, analisar um enunciado balizado pela estética – na relação desse termo com a moda –, mais especificamente, uma peça de roupa. Com isso, entendemos que a moda é uma forma de arte e, assim, produz objetos simbólicos que, ao se constituírem como discurso, retomam já-ditos e produzem deslizamentos de sentidos.

Para propor tal enfrentamento discursivo de uma peça de roupa, baseamo-nos em Leandro Ferreira (2013), que propõe o corpo como materialidade discursiva. A autora concebe o corpo como um objeto simbólico que, atravessado pela língua e pela história, constitui-se um espaço de subjetivação, em ligação direta com o discurso. Para Leandro Ferreira (2013), o corpo é um lugar de visualização do sujeito e de sua historicidade; o corpo é, portanto, linguagem. A partir da reflexão da autora, propomos compreender a moda – que

também tem sua relação com o corpo, o qual se “empresta” para evidenciar o que a moda produz – como uma materialidade discursiva, que, também afetada pela história, recupera memórias e discursiviza. Nesse sentido, como *corpus* analítico, selecionamos um conjunto feminino, formado por uma calça e uma camisa listrados, colocado à venda por uma grande rede brasileira de lojas de departamentos no início de setembro do ano de 2023.

A escolha por este objeto simbólico se deu após um incômodo que sentimos com a repercussão polêmica, nas redes sociais, de uma foto do conjunto. Muitos internautas, assim como a publicação que trouxe a peça de roupa às redes, compararam-na aos uniformes dos judeus prisioneiros dos campos de concentração criados pelos nazistas na Europa, durante o governo eugenista de Adolf Hitler, onde foi perpetuado o genocídio cometido contra o povo judeu, nomeado de Holocausto. Diante de inúmeros comentários digitais que fizeram tal comparação, surgiu a pergunta-problema que originou esta análise: Por que o conjunto listrado, à venda em uma grande rede de lojas de departamentos, pôde ser associado aos uniformes dos prisioneiros dos campos de concentração?

Frente a tal questionamento, estabelecemos como objetivo principal compreender discursivamente como a referida peça de roupa, enquanto objeto simbólico, produz sentidos. Para atingir esse objetivo, delineamos um dispositivo analítico que visa, de modo mais específico: a) discutir sobre o trabalho da memória discursiva, que possibilita a incômoda referência sugerida pelos internautas; b) comparar o *corpus* de análise aos uniformes dos prisioneiros dos campos de concentração; c) analisar, no âmbito do discurso, de que maneira o conjunto listrado pode ser compreendido como uma paráfrase plausível dos uniformes dos campos – conhecidos também como pijamas listrados.

O que nos permitirá atingir tais metas é a filiação deste trabalho à Análise de Discurso materialista, proposta pelo supracitado filósofo francês Michel Pêcheux. A partir do dispositivo teórico dessa disciplina discursiva – que considera o discurso enquanto estrutura e acontecimento (PÊCHEUX, 2006) – e do embate que tivemos, enquanto pesquisadores, com o *corpus* e com a nossa pergunta-problema, delineamos um dispositivo analítico que mobiliza como noções-chaves as formações discursivas, o esquecimento, a memória discursiva – em sua relação com o interdiscurso –, a paráfrase e a polissemia.

As discussões sumarizadas nesta introdução estão desenvolvidas e organizadas nas seções que seguem, da seguinte maneira: na seção intitulada “Do dispositivo teórico ao analítico”, apresentamos o referencial teórico e os principais conceitos que consideramos necessários para o desenvolvimento deste trabalho; após, na seção intitulada “O conjunto

listrado: fruto do esquecimento discursivo”, apresentamos o *corpus* e delineamos a primeira parte de nossa investigação, cujo objetivo é observar como e por que o conjunto pôde ser associado aos uniformes dos prisioneiros dos campos de concentração; e, por fim, na seção cujo título é “A paráfrase do pijama listrado: sentidos em tensão”, desenvolvemos a segunda parte da análise proposta, visando identificar o modo pelo qual o conjunto listrado pode ser considerado uma paráfrase dos referidos uniformes.

1. Do dispositivo teórico ao analítico

Conforme sinaliza Orlandi (2015), para a Análise de Discurso (AD), não importa perguntar o que determinado texto diz, mas sim compreender como ele significa. Isso porque os sentidos sempre podem mudar; não existindo, portanto, um “sentido verdadeiro”, “uma chave de interpretação” (ORLANDI, 2015). É a partir dessa constatação, aliás, que Pêcheux (2006) desenvolve suas reflexões sobre as disciplinas de interpretação, grupo em que se inclui a AD, distanciando-as de uma “ciência régia”, a qual imporia limites à interpretação na busca por homogeneizar os sentidos. Para o filósofo, ao contrário disso, é necessário considerar o discurso como estrutura e acontecimento.

Enquanto estrutura, conforme pontua o francês, deve-se dar o espaço necessário à descrição da língua e de seus aspectos que são da ordem da repetibilidade. Sobre isso, Pêcheux (2006, p. 50) é bastante enfático: “Eu disse bem, a língua. Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional”. A língua, enfatiza o filósofo. Trata-se, de fato, de uma abordagem estrutural – o que, à primeira vista, pode parecer contraditório, mas não é, uma vez que tal abordagem, para Pêcheux (2006), precisa considerar um fato que é intrínseco ao sistema linguístico e que era esquecido pela referida ciência régia: o equívoco, aquilo que “cessa a consistência da representação lógica inscrita no espaço dos ‘mundos normais’” (PÊCHEUX, 2006, p. 51). Ou seja, a deriva, os deslocamentos de sentidos, as lacunas, a opacidade; características as quais, de acordo com a reflexão pecheuxtiana, são próprias à língua. Nesse sentido, entende-se que o filósofo francês considera a língua como um sistema de estruturas repetíveis, mas que é passível de rupturas e, conseqüentemente, de transformações. Eis, aqui, o discurso considerado como acontecimento, momento em que entra em cena a interpretação, que busca identificar os pontos de deriva, as possibilidades de um enunciado tornar-se outro, de seu sentido tornar-se outro (PÊCHEUX, 2006).

Desse modo, compreende-se que a base do dispositivo teórico da AD está na existência desses dois encaminhamentos de análise: descrição e interpretação, que envolvem respectivamente língua e equívoco, estrutura e acontecimento. Essas fases analíticas, apesar de não se misturarem, precisam acontecer simultaneamente durante todo o percurso investigativo. É o que propomos fazer neste artigo ao analisarmos o conjunto listrado: descrevê-lo, enquanto estrutura, e interpretá-lo, enquanto acontecimento. Será nesse batimento entre o repetível e o novo que poderemos compreender como essa peça de roupa, tomada como materialidade discursiva, produz sentidos.

No entanto, para além do dispositivo teórico em que se baseia esta investigação e que é comum a todas as análises fundamentadas na AD materialista, neste artigo, conforme propõe Orlandi (2015), existe uma parte individual e responsabilizada aos analistas: o dispositivo analítico. Este, por sua vez, é único, pois é construído no embate entre pesquisador e material, determinando a pergunta-problema que motiva a análise e os conceitos teóricos que serão explorados (ORLANDI, 2015). Outros analistas frente ao mesmo conjunto listrado, por exemplo, formulariam outras questões, mobilizariam outros conceitos e chegariam a resultados também diferentes (ORLANDI, 2015).

Nesse sentido, nosso dispositivo analítico, conforme destacado na introdução, mobiliza alguns conceitos que consideramos necessários ao percurso que propomos delinear, são eles: formações discursivas, esquecimento, memória discursiva, paráfrase e polissemia. Com tais noções, acreditamos ser possível responder ao questionamento que motivou nossa pesquisa: Por que a inquietante associação do conjunto listrado aos uniformes dos prisioneiros dos campos de concentração foi possível?

Para que possamos responder a tal questionamento, é preciso partir de um conceito substancial para a AD, o de Formação Discursiva (FD). Os processos discursivos sempre ocorrem em determinada FD, a qual representa determinadas Formações Ideológicas (FI), que, por sua vez, influenciam os sentidos (ORLANDI, 2015). Conforme define Pêcheux (2014b, p. 147, grifos do autor), a FD é “aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina *o que pode e deve ser dito*”. E é, ainda de acordo com o que discute o filósofo, a partir das FDs em que são empregadas, que as palavras, tidas aqui como objetos simbólicos, recebem seu sentido. Mobilizando tal proposição para a peça de roupa que aqui nos propomos a analisar, podemos afirmar que a estética do conjunto listrado vai produzir diferentes efeitos de sentidos dependendo da FD em que foi produzida e/ou recebida. Isso porque o sujeito que a interpreta também ocupa determinada FD e tem FIs que lhes são

próprias, o que interfere na sua recepção dos enunciados. Em suma, recorrendo novamente às palavras de Pêcheux (2014b, p. 148), “formação discursiva é o lugar da constituição de sentidos”.

No entanto, situar-se dentro de uma FD e reproduzir determinadas FIs não é uma ação consciente do sujeito. Ao contrário, “o sujeito se esquece das determinações que o colocaram no lugar que ele ocupa” (PÊCHEUX, 2014b, p. 158), pois ele, pelo viés da AD materialista, é descentrado, ou seja, não é um sujeito intencional, ele não é livre para dizer o que diz. Trata-se, portanto, de um sujeito afetado pelo inconsciente e pelo esquecimento – outro conceito sem o qual não poderíamos empreender nossa investigação. Pêcheux (2014b), partindo da primeira tópica freudiana, a qual envolve o inconsciente, discute dois tipos de esquecimentos, os quais ele caracteriza como inerentes ao discurso. Em outras palavras, pode-se dizer que os esquecimentos são constitutivos de todo e qualquer discurso, seja os verbais, seja os constituídos por outras materialidades, como o do nosso *corpus*.

O primeiro tipo de esquecimento discursivo, nomeado por Pêcheux (2014b) de número 1, relaciona-se ao fato de que o sujeito não existe fora de uma FD, mais especificamente, fora daquela FD que o domina (PÊCHEUX, 2014b). Orlandi (2015) explica que esse esquecimento, o qual ela chama de ideológico, é da ordem do inconsciente e surge da maneira pela qual o sujeito é afetado pela ideologia, imaginando-se como origem do dizer. Assim, o sujeito discursivo se esquece de que, na verdade, ao dizer, ele não cria seu discurso “do nada”, mas apenas retoma aquilo que já foi dito, em outro lugar.

Já o esquecimento número dois, de acordo com o filósofo francês, diz respeito ao fato de que o sujeito, ao produzir enunciados, escolhe formas e sequências dentro de uma FD, para estruturar o seu discurso. Assim, há, em cada FD, possibilidades de formulações – que se colocam em relação de paráfrase, pois aquilo que se diz sempre pode ser dito de outra forma – entre as quais o sujeito faz uma escolha. A decisão a ser tomada, porém, é da ordem do inconsciente. O sujeito, afetado por esse esquecimento, o qual Orlandi (2015) chama de enunciativo, e situado dentro de determinada FD, faz uma seleção inconsciente entre as possibilidades existentes. Tal atitude, apesar de não intencional, não é aleatória, pois é determinada pelas FIs que atravessam o sujeito, e, assim, ela significa em seu discurso, pois “o modo de dizer não é indiferente aos sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 33).

Pode-se afirmar, então, que “o esquecimento nº 2 cobre exatamente o funcionamento do sujeito do discurso na formação discursiva que o domina, e que é aí, precisamente, que se apóia [sic] sua ‘liberdade’ de sujeito-falante” (PÊCHEUX, 2014b, p. 164). Trata-se,

porém, de uma liberdade cerceada já que o sujeito se imagina livre para dizer o que quer da maneira que desejar, mas só o é a partir das FIs que o atravessam e dentro de formulações pré-determinadas, ou seja, dentro de já-ditos, muitas vezes, esquecidos. Aqui, entram em cena o interdiscurso e a memória discursiva.

Pêcheux (2014b) afirma que toda FD, mesmo que dissimule, depende do interdiscurso e de sua “objetividade material contraditória”, a qual diz respeito ao fato de que “‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’” (PÊCHEUX, 2014b, p. 149). Nesse sentido, o interdiscurso é, recorrendo a Orlandi (2015), a memória afetada pelo esquecimento. É, portanto, “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2015, p. 31).

Orlandi (2015) trata o interdiscurso como sendo sinônimo de memória discursiva. No entanto, há discussões, como a de Leandro Ferreira (2012) e a de Indursky (2011), que propõem uma diferenciação entre os dois conceitos. Para Leandro Ferreira (2012, p. 145), embora as noções estejam intrinsicamente ligadas, elas não se confundem, pois, “se a memória discursiva recorta os sentidos e os atualiza no acontecimento da linguagem, ela o faz determinada pelo interdiscurso, o lugar de todos os dizeres” (LEANDRO FERREIRA, 2012, p. 145). Por ser esse lugar de todos os dizeres e, nas palavras de Indursky (2011), por comportar todos os sentidos produzidos e já-esquecidos, o interdiscurso se diferencia essencialmente da memória discursiva, a qual diz respeito a determinados discursos que se inscrevem em determinadas FDs (INDURSKY, 2011). Assim, a memória discursiva não diz respeito a todos os dizeres, mas somente àqueles que se inscrevem e significam dentro das FDs que a determinam. Uma memória discursiva, por exemplo, pode fazer ressoar sentidos em uma FD que não ressoam em outras. Porém, esse dizer sempre estará presente no interdiscurso.

Em suma, é o interdiscurso que fornece a “matéria-prima” aos sujeitos para a produção de seus enunciados e para a sua própria constituição enquanto sujeito-falante (PÊCHEUX, 2014b). Quando o sujeito discursivo estiver inscrito numa determinada FD, ele terá à disposição – dentro da memória discursiva própria dessa FD – um “recorte” desses sentidos já-ditos e esquecidos que compõem o interdiscurso; tal “recorte” lhe fornecerá as possibilidades de formulações que podem ou não ser ditas naquela FD, entre as quais ele “escolherá” como formular seu discurso. Assim, inconscientemente, o sujeito sempre precisará recorrer ao já-dito para elaborar seus enunciados.

Esse uso do repetido, porém, abre espaço para o novo, já que o discurso, tido como estrutura e acontecimento, está sempre sujeito ao equívoco. Destacamos aqui que, para a Análise de Discurso, o equívoco não é um problema do discurso, nem uma ambiguidade a ser superada, menos ainda um erro de uma língua “imperfeita”. Com efeito, o equívoco é constitutivo de todo discurso. Nas palavras de Ferreira (1996, p. 44), o equívoco define-se como “a área de tensão que corresponde ao encontro entre materialidade linguística e materialidade histórica”. Assim,

sob diferentes formas, encoberto sob distintas marcas sintáticas o equívoco vem à tona, ganha corpo e significação. O modo de materializar-se pode ser pelo viés da falta, do excesso, do repetido, do non-sense, entre outras possibilidades. O que há de comum nelas é a ruptura do fio discursivo e o impacto efetivo na condição de fazer e desfazer sentidos. Isso acontece porque a língua é um sistema sintático intrinsecamente passível de jogo (FERREIRA, 1996, p. 48).

E é nessa possibilidade de jogo intrínseca à língua e, acrescentamos, intrínseca ao discurso – que mobiliza não só a língua, mas diversas outras materialidades – que entra a interpretação, a análise do discurso em si. O analista deve, desse modo, trabalhar com as rupturas, com os deslizamentos, com as possibilidades de transformações de significações, num trabalho do sentido sobre o sentido, como propõe Pêcheux (2006).

Ao analisar o enunciado “*On a gagné*”, Pêcheux (2006) nos mostra um caminho de trabalho que envolve o conceito de paráfrases plausíveis; este, por sua vez, nos leva, conseqüentemente, ao conceito de polissemia. Orlandi (2015, p. 36) define paráfrase como a “matriz do sentido”, uma vez que, de acordo com a autora, “não há sentido sem repetição”, ou seja, não há produção discursiva sem o retorno à memória discursiva e às possibilidades que ela nos oferece para a produção de nossos enunciados. Por outro lado, a polissemia é definida pela autora como “a fonte da linguagem”. Isso porque, conforme explica Orlandi (2015, p. 36), a polissemia “é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de se dizer”.

Desse modo, considerando que todo discurso é produzido na tensão entre o mesmo e o diferente (ORLANDI, 2015), cabe ao analista, ao olhar para seu objeto de estudo, interrogá-lo a partir da investigação de processos parafrásticos que poderiam a ele ser associados. Ao se produzir diferentes formulações para um mesmo dizer sedimentado (ORLANDI, 2015), é possível trabalhar nas fronteiras daquele enunciado, em suas falhas, em seus equívocos, a investigar, também, os sentidos que são produzidos pela seleção feita

pelo sujeito-falante ao escolher aquela forma específica – e não outras – para produzir seu enunciado. Nesse ponto, entra a polissemia, pois, quando se observa o equívoco, abre-se espaço para se questionar a univocidade de um discurso, adentrando, assim, por meio da interpretação, em sua multiplicidade de sentidos possíveis.

Para resumir, entende-se que “a paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 2015, p. 34). No entanto, cabe destacar que, assim como no trabalho com os demais conceitos, a busca por processos parafrásticos não se resume a materialidades verbais, como o “*On a gagné*”, mas se estende a outros modos de significar, como o conjunto listrado. Alguns estudiosos já iniciaram essa empreitada de olhar discursivamente para o entrecruzamento do mesmo e do diferente em materialidades visuais, é o caso de Lagazzi (2015, 2021) quando investiga o corpo fletido do catador de lixo, no documentário *Boca de lixo*, e o olhar em cena, no curta-metragem *Eletrodoméstica*.

Ao elaborar uma paráfrase de uma citação pecheuxtiana, Lagazzi (2021, p. 5893) nos dá fundamentação para a análise de nosso objeto estético. Diz a autora: “toda descrição está intrinsicamente exposta ao equívoco da [imagem]: [toda imagem] é intrinsecamente suscetível de tornar-se outra, diferente de si mesma, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Partindo de tal proposição, desenvolvemos o nosso processo analítico, pensando a imagem como discurso, intrinsicamente passível de equívoco e deslocamentos, produzindo, assim, sentidos. Para tanto, fundamentamo-nos também em Lagazzi (2015) e em um conceito formulado pela autora que consideramos substancial para esta investigação: paráfrase de imagem ou, ainda, paráfrase visual.

Tendo feito as considerações teóricas necessárias, iniciamos agora nossa empreitada de analisar o conjunto listrado e sua forma de produzir sentidos.

2. O conjunto listrado: fruto do esquecimento discursivo

Para empreender o trabalho com as materialidades discursivas, existem algumas exigências que precisam ser seguidas (PÊCHEUX, 2006). A primeira delas, segundo Pêcheux (2006), é dar, inicialmente, especial atenção à descrição – do objeto, dos acontecimentos que o envolvem ou de seu arranjo discursivo. Depois, abre-se o espaço para a interpretação. Por isso, daremos, primeiramente, conforme sugere o filósofo, o primado a um movimento descritivo de nosso *corpus* analítico: o conjunto listrado.

Antes, porém, é preciso destacar que, ao realizarmos a seleção e o recorte do objeto a ser aqui analisado, enquanto pesquisadores, precisamos tomar uma decisão sobre aquilo que seria ou não considerado parte desse material. Esse já é, pois, um movimento analítico que constrói o nosso dispositivo de análise. Afinal, como destaca Orlandi (2015), ao selecionar o que fará parte do *corpus* a ser analisado, faz-se escolhas que envolvem propriedades discursivas e que, acrescentamos, determinam o rumo da investigação que se desenvolverá a partir dali. Fazemos essas considerações iniciais devido ao modo como tivemos acesso ao material, qual seja, pelas redes sociais.

Conforme apresentamos em nossa introdução, foi após uma publicação no ambiente digital de uma foto do conjunto listrado exposto em uma loja de departamentos que houve a repercussão crítica sobre ele. No entanto, não nos interessa aqui analisar, como parte do *corpus*, tal postagem nem os comentários que dela se originaram. Apesar de acessá-lo através da referida publicação, a qual será aqui reproduzida, nosso *corpus* é a peça de roupa em si, ou seja, é o conjunto listrado.

Tal opção não desconsidera, de modo algum, a materialidade verbal – a legenda da postagem e os comentários – em sua potência em produzir sentidos. Trata-se, somente, de uma escolha metodológica para o encaminhamento da análise, uma vez que importa, neste artigo, analisar o trabalho da memória discursiva nesse enunciado, o qual, conforme já sinalizado, consideramos artístico, já que se trata de um discurso produzido pela moda. Feitas as considerações necessárias, olhemos para materialidade (Figura 1), o conjunto:



Fonte: Perfil de internatura na rede social X (Twitter)

Ao tomar essa peça de roupa como objeto de análise, é preciso atentar-se a todas as especificidades que a foto nos permite identificar. Primeiramente, vê-se que se trata de duas peças de roupas, uma camisa de mangas longas e uma calça, que, apesar de serem vendidas separadamente, foram colocadas juntas e passam a ser entendidas, de fato, como um conjunto. Ambas as peças têm, como estampa, listras verticais relativamente largas, dois centímetros de largura aproximadamente; quanto às cores, observa-se o fundo branco intercalado com listras em tom azul-petróleo com certa nuance de verde. A camisa possui gola e punhos, também estampados pelas listras, bem como é fechada na parte anterior por botões básicos e, ao que parece, transparentes. Já a calça, para além das listras e de uma barra simples, não apresenta nenhuma outra particularidade. Quanto ao tecido com o qual o conjunto foi feito, não é possível determiná-lo com certeza, mas observa-se um tecido relativamente fino e fluido.

No que se refere ao estilo da roupa, pela foto, é possível supor que ela segue um estilo *overside*, ou seja, uma modelagem mais larga, tal qual um pijama. Além disso, destaca-se que, apesar de estar exposto na seção feminina da loja, as particularidades apresentadas nos levam a considerar o conjunto como unissex, uma vez que ele não tem, de acordo com os padrões ditados pela sociedade, nada que o associe a um gênero específico. Eis, portanto, nosso material de análise.

Apresentamos tal descrição sem a intenção de esgotar as particularidades de nosso *corpus*, pois, baseados na teoria pecheuxtiana, sabemos que todo processo descritivo é sempre passível de equívoco, já que, enquanto enunciado, é composto por vários pontos de deriva (PÊCHEUX, 2006). No entanto, esse movimento descritivo delineado é, conforme já sinalizado, necessário à análise discursiva e, por ser fruto do embate pesquisador-objeto, é substancial para a construção do nosso dispositivo analítico, nossa metodologia de análise, portanto. Nesse sentido, Pêcheux (2006) deixa claro que a descrição e a interpretação precisam andar juntas, em alternância, sem se tornarem, porém, indiscerníveis. Assim, nossa descrição do conjunto listrado – reiteramos: uma possibilidade sujeita a equívocos – será retomada, sempre que preciso, na interpretação que se inicia; é ela, aliás, que determinará os rumos desta análise, que visa chegar à compreensão de como o conjunto listrado produz sentidos.

Partamos inicialmente do fato de que listras são comuns ao discurso da moda – mais especificamente no estilo naval –, sendo consideradas, até mesmo, uma tendência atemporal. No entanto, ao considerarmos o conjunto em tela enquanto objeto simbólico, é preciso lembrar que um discurso – tal como o produzido pela peça de roupa – não existe de forma isolada; ao contrário, ele sempre se remeterá a outros discursos, a discursos já-ditos – ou já-vistos, nesse caso – e, por vezes, esquecidos; ele sempre se remeterá ao interdiscurso. Do mesmo modo, os sentidos não são transparentes e independentes; não há um sentido preso a sua literalidade (PÊCHEUX, 2014b). Isso porque, conforme afirma Pêcheux (2014b, p. 146), “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ [...], mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”.

Dessa maneira, ao buscarmos acessar os sentidos em sua multiplicidade e opacidade, olhemos para o processo sócio-histórico que envolve nosso *corpus*. Tal processo diz respeito às condições de produção em que a peça de roupa foi produzida e colocada em circulação. Condições de produção, um conceito também pecheuxtiano, envolvem, segundo Orlandi (2015), os sujeitos e a situação de produção do enunciado, podendo ser divididas – por fins didáticos, apenas – em seu sentido estrito, que é o contexto imediato, e em seu sentido amplo, que envolve o contexto sócio-histórico-ideológico.

O contexto imediato de veiculação do conjunto listrado é uma grande rede brasileira de lojas de departamentos, chamada Riachuelo. No que se refere ao sujeito que o produziu, no entanto, não se tem o nome do estilista responsável por sua idealização, mas, ao ser comercializado na referida loja, no âmbito do discurso, esta e os seus representantes legais passam a ocupar a posição-sujeito responsável pelos sentidos que a peça de roupa veicula. Chamaremos essa posição-sujeito de Riachuelo.

Em uma tentativa de definir uma possível FD que determinaria as produções discursivas desse sujeito, foi necessário buscar informações sobre os seus representantes legais para identificar as FIs que lhes seriam próprias. Sobre tal pesquisa, importa destacar o fato de que um dos donos da empresa é o empresário e ex-deputado federal brasileiro Flávio Rocha, que, na corrida presidencial de 2018, saiu como pré-candidato à presidência pelo Republicanos (PRB)¹⁵, partido representante da direita política do país. À época, o empresário se autodenominou, publicamente, como “um candidato liberal na economia,

¹⁵ Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/flavio-rocha-dono-da-riachuelo-se-filia-ao-prb-para-disputar-presidencia-22531141>. Acesso em 15 abr. 2024.

reformista, privatista e conservador nos costumes”¹⁶. Sua pré-candidatura, porém, foi retirada, e Rocha declarou seu apoio ao então candidato Jair Messias Bolsonaro¹⁷, um representante da extrema-direita brasileira. Diante dos fatos listados, poderíamos dizer que, discursivamente, a posição-sujeito Riachuelo é determinada por uma FD “de direita”, uma vez que um de seus representantes ocupa tal posição. Essa informação nos leva, conseqüentemente, às condições de produção da comercialização do conjunto listrado em seu sentido amplo: o Brasil de 2023.

Nosso país – entre os anos de 2016, após a destituição da ex-presidenta Dilma Rousseff, e de 2022, último ano do mandato do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro – passou por uma grande e violenta polarização política. Ademais, com a ascensão da direita no país, observaram-se discursos autoritários emergirem em nosso cenário político nacional, fato que propiciou o surgimento de diversos enunciados que retomavam já-ditos relacionados a governos extremistas, como a ditadura militar ocorrida no Brasil e o governo nazista da Alemanha, o qual perpetrou o genocídio contra o povo judeu. Retomar tais informações é necessário para compreender como o conjunto listrado pôde ser associado pelos internautas aos uniformes usados pelos prisioneiros dos campos de concentração nazistas, pois esses sujeitos, inseridos num contexto sócio-histórico-ideológico em que é recorrente a referência a esses governos, são determinados por dadas FIs. Ademais, é no contato da materialidade (o conjunto) com a história (o contexto sócio-histórico-ideológico) que eclodem os sentidos desse objeto simbólico.

Outro fato que precisa ser destacado é o de que, após a repercussão negativa da foto do conjunto nas redes sociais, a referida empresa, ocupando a posição-sujeito de responsável pelo discurso, retirou as peças de circulação e emitiu uma nota na qual, ao desculpar-se, confirmou que a escolha do modelo e das cores fora uma “infelicidade”, mas alegou que não houve a intenção de fazer qualquer alusão ao Holocausto¹⁸.

O sujeito, pela perspectiva da AD, não é, de fato, intencional, mas isso não faz com que já-ditos esquecidos e, muitas vezes, desconhecidos por ele deixem de significar em seu discurso (ORLANDI, 2015). Pode-se dizer que o sujeito Riachuelo, no processo de criação e circulação do conjunto, enquanto sujeito ideológico, interpelado pela ideologia, produziu

¹⁶ Disponível em <https://exame.com/brasil/flavio-rocha-candidatura-se-contrapoe-a-possivel-candidatura-de-temer/>. Acesso em 15 abr. 2024.

¹⁷ Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/caixa-zero/apos-chamar-bolsonaro-de-iceberg-dono-da-riachuelo-anuncia-apoio/>. Acesso em 15 abr. 2024.

¹⁸ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/09/riachuelo-recolhe-roupa-associada-ao-holocausto-de-suas-lojas-apos-criticas.shtml>. Acesso em 30 out. 2023.

tal peça de roupa afetado pelo esquecimento de que ele não era a fonte dos dizeres e pela ilusão do saber dos sentidos. A ideologia que o interpela, a partir de uma FD “de direita”, provoca evidências como: “Todo mundo sabe que a paleta de tons azul e branco, colocados em listras verticais em um conjunto, remete diretamente à estética do marinheiro”. Tais evidências, conforme sinaliza Pêcheux (2014b), mascaram o caráter material do sentido do enunciado em tela, que, no entanto, não deixa de produzir outros sentidos, uma vez que

o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando ele disse “x” [...]. O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados (ORLANDI, 2015, p. 30).

Dessa forma, o conjunto listrado produz sentidos outros, e não cabe ao sujeito controlá-los. No contato da materialidade significante, o conjunto listrado, com a história, os sentidos eclodem, e a peça de roupa, por se tratar de uma materialidade não-verbal, potencializa a polissemia, que é, de acordo com Orlandi (2015, p. 36), “justamente a simultaneidade e movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico”. Desse modo, nessas possibilidades de significar essa peça de roupa, novos sentidos são reclamados. O conjunto pode remeter a várias coisas, como destacamos a seguir, mas há algo que vem pela/na história; isto é, há sentidos produzidos em outras condições, dos quais o sujeito não tem controle, mas que o afetam.

Assim, com a veiculação da foto do conjunto listrado nas redes sociais, diversos efeitos de sentidos foram construídos por internautas filiados a diferentes formações discursivas. Em sua maioria, houve aqueles que o associaram aos uniformes usados pelos prisioneiros judeus dos campos de concentração nazistas, os conhecidos pijamas listrados. Nesses casos, por meio do real da língua e do real da história, o processo parafrástico, que caberia ao analista, já vem pronto: conjunto listrado – pijama listrado. Um conjunto de pijama listrado, portanto.

Ademais, na tentativa inconsciente de negar tal evidência de sentido, outros sujeitos fizeram outras comparações. Alguns internautas compararam-no às roupas dos personagens principais do desenho infantil *Bananas de pijamas*; outros, recorrendo ao humor, disseram que simplesmente se tratava de um pijama comum; alguns citaram a estética do marinheiro; e outros, ainda, o pijama de Getúlio Vargas, usado no dia de sua morte.

Sobre os primeiros sujeitos, que associaram o conjunto aos uniformes dos prisioneiros dos campos de concentração, pode-se dizer que eles são constituídos por uma FD de (re)conhecimento da história do genocídio cometido contra o povo judeu. Enquanto os outros, se situam nessa relação de desconhecer ou, ainda, de relativizar tal acontecimento histórico e sua importância para a nossa história atual. Retomando as condições de produção em sentido amplo da veiculação do conjunto, lembra-se de que discursos que negam ou relativizam o Holocausto vêm, em sua maioria, de sujeitos determinados pela FD que aqui optamos por chamar de “de direita”. Isso porque, como Pêcheux (2014b) destaca, os traços daquilo que determina um sujeito, ou seja, os traços de uma FD e das FIs que lhes são próprias, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. Não há, portanto, como fugir deles. Nesse sentido, ao tentar negar a evidente relação do conjunto/ pijama listrado aos uniformes dos prisioneiros dos campos de concentração, alguns dos sujeitos-internautas – constituídos pelo esquecimento da FD que os domina – reproduzem, inconscientemente, os sentidos de relativização do Holocausto. O próprio conjunto listrado produz esse sentido, trata-se de uma banalização do real da história.

No entanto, olhando para a estrutura material do conjunto e para as derivas de sentidos, por um efeito da memória, sentidos anteriores, sem que o sujeito os controle, seja pela disposição das listras, seja pelo modelo do conjunto ou escolha das cores, fazem ressoar uma memória do Holocausto. Cabe a nós, portanto, perguntar: Por que o conjunto listrado foi idealizado dessa maneira e não de outra? Por que, ao remeter à estética naval, por exemplo, o sujeito optou por esse tom de azul e não outro? Por essa disposição e largura de listras e não outra? Por esse modelo de camisa e calça e não outro? Afetado pelo esquecimento número 2 e atravessado pelas FIs da FD “de direita”, o sujeito Riachuelo fez escolhas; escolhas essas que significam em seu discurso, mesmo que “não tenha sido essa a intenção”.

Observa-se, portanto, que o conjunto, enquanto estrutura, retoma formulações visuais já feitas, listras verticais em azul e branco, mas que, enquanto acontecimento, está sujeito à falha, ao equívoco, ressoando outros já-ditos/já-vistos e produzindo diversos sentidos. Trata-se, afinal, do simbólico afetado pela história. Assim como o enunciado “*On a gagné*” analisado por Pêcheux (2006), o conjunto/ pijama listrado situa-se “em uma rede de relações associativas implícitas – paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc. – isto é, em uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com

uma estabilidade lógica variável” (PÊCHEUX, 2006, p. 23), produzindo sentidos sob a baliza do funcionamento do interdiscurso, que o relaciona ao Holocausto.

Olhemos, então, para a memória discursiva que trabalha na produção de sentidos do conjunto listrado. Por muito tempo, a estruturação visual do uniforme dos prisioneiros dos campos de concentração nazistas – camisa, calça, listras, cor azul e modelagem ampla – foi explorada na construção de uma estética que remetesse ao Holocausto. Apesar de o pijama listrado não ter sido usado em todos os campos de concentração, ele foi propagado pela indústria midiática e artística como representativo desses locais, construindo já-ditos em torno desse objeto simbólico. Um exemplo dessa exploração imagética e simbólica aconteceu na indústria cinematográfica, como no filme *O menino do pijama listrado*, que explorou tal composição em materialidades verbais, como o título, e visuais, como a composição estética de todo o filme (Figura 2):

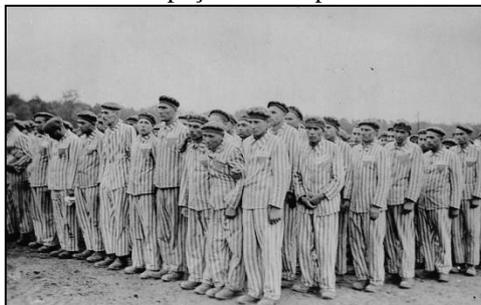
Figura 2: Frame do filme *O menino do pija listrado*



Fonte: Site *Adoro cinema*¹⁹.

Ademais, na esfera historiográfica, também houve a construção discursiva de um imaginário social em torno do pijama listrado através da veiculação de fotos de prisioneiros usando o conjunto (Figura 3):

Figura 3: Prisioneiros durante inspeção no campo de concentração de Buchenwald



Fonte: Site *Enciclopédia do Holocausto*²⁰.

¹⁹ Disponível em <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-135215/>. Acesso em 26 nov 2023.

²⁰ Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/roll-call-at-buchenwald>. Acesso em 26 nov 2023.

Com essas e outras representações, a composição estética que envolve um conjunto de camisa de mangas longas, calça, listras azuis e modelagem larga que tornaria possível a identificação de um prisioneiro constrói um já-dito sobre o Holocausto e faz parte do interdiscurso que o envolve. Indursky (2011) chama essa repetição insistente de uma formulação de regime de repetibilidade, o qual faz com que determinados sentidos se tornem memoráveis, formando um imaginário que constitui, conseqüentemente, uma memória discursiva. Desse modo, um conjunto listrado que remete a um uniforme de um prisioneiro, ao ser retomado em outras composições e em outras condições de produção, como na peça de roupa à venda na rede brasileira de lojas de departamentos, faz que a memória discursiva desse acontecimento histórico ressoe, produzindo sentidos de banalização da catástrofe e evidenciando o equívoco entre um conjunto listrado posto à venda para quem queira adquirir e um uniforme que os prisioneiros no campo de concentração eram obrigados a usar. São sentidos em tensão entre um acontecimento histórico, o Holocausto, e a venda de uma peça de vestuário, que já aponta para a liberdade do sujeito-consumidor, a um suposto poder de escolha.

Assim, com essa primeira parte do percurso analítico proposto, respondemos à pergunta-problema que originou esta análise. A associação do conjunto listrado ao uniforme dos prisioneiros dos campos de concentração nazistas foi possível devido ao trabalho da memória discursiva que, enquanto “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas” (PÊCHEUX, 1999. p.56), forneceu formulações já-vistas – conjunto com listras verticais azuis e brancas – que foram/são retomadas e atualizadas em novos acontecimentos discursivos – a peça de roupa à venda. Quanto ao nosso objetivo principal, consideramo-lo também atingido. É assim, pois, que o conjunto listrado produz sentidos: retomando, em outras condições de produção, uma dada composição visual (considerada enquanto discurso!) já-vista e esquecida e que, no contato com a história, remete ao Holocausto.

3. A paráfrase do pijama listrado: sentidos em tensão

Pêcheux (2014b) define como processo discursivo o sistema de relações – tais como as de paráfrases e sinonímias – que funcionam entre os elementos linguísticos. Estendemos tal definição aos objetos simbólicos de outras ordens, como os estéticos, uma vez que,

conforme sinalizamos, eles também se inscrevem no real da história e produzem sentidos, à sua maneira, situando-se também em um sistema de relações discursivas. Nesta breve seção, finalizamos o nosso movimento analítico frente ao *corpus* conjunto listrado, visando observar a possibilidade de afirmar que ele está também em relação parafrástica ao pijama listrado dos campos de concentração, e não somente a uma estética naval, conforme foi defendido de modo ferrenho por alguns internautas. Recorremos aqui ao conceito de paráfrase, por considerar que, somente “pelo procedimento parafrástico, a evidência de um sentido pode ser relativizada” (LAGAZZI, 2015, p. 181).

Apoiando-nos em Orlandi (2015), que afirma que a paráfrase representa um retorno aos mesmos espaços do dizer, faremos uma análise comparativa entre o conjunto listrado e o pijama listrado, o qual descreveremos agora. Antes, porém, destaca-se que o acesso a essa materialidade também se deu virtualmente, por meio de uma notícia que trouxe a foto de um exemplar dos uniformes dos campos de concentração, exibido em uma exposição museológica sobre o Holocausto. Logo, a descrição dessa peça de roupa será feita a considerar aquilo que a imagem nos permite captar.

Figura 4: Uniforme de prisioneiros dos campos de concentração, o “pijama listrado”



Fonte: Revista *online* Veja Rio²¹

²¹ Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/programe-se/museu-do-amanha-inaugura-exposicao-sobre-holocausto>. Acesso em 15 out. 2023.

Na Figura 4, observamos duas peças de roupas, uma camisa de mangas longas e uma calça, que, colocadas juntas, formam também um conjunto; um conjunto listrado, uma vez que ambos possuem listras verticais. Tais listras possuem aproximadamente um centímetro de largura. No que tange às cores, observamos novamente uma paleta que intercala entre o azul e o branco: este possui em um tom mais amarelado, possivelmente devido ao jogo de luzes e também à ação do uso e do tempo; aquele, também em função das luzes que iluminam a peça, aparenta em alguns pontos ser um azul petróleo e, em outros, com um tom mais vivo, se aproxima de um azul celeste. Quanto à modelagem, a camisa possui uma gola, botões brancos simples, bem como uma barra fina nas mangas. Em relação à calça, para além das listras e de uma barra simples, não há nada de marcante na peça. No que se refere ao tecido, este aparenta ser relativamente grosso e pesado. Já em relação ao estilo, vê-se que o conjunto tem, também, modelagem ampla e unissex.

Tendo já visto a foto do primeiro conjunto listrado, o que está à venda no comércio varejista brasileiro, deparar-se com a foto do pijama listrado usado nos campos de concentração, num primeiro momento, causa um estranhamento. Retomando Lagazzi (2021, p. 5892) ao comentar a paráfrase visual do corpo fletido, podemos dizer que, diante dessa peça de roupa, “o olhar oscila entre o reconhecimento e o desconhecimento” (LAGAZZI, 2021, p. 5892) e é justamente nesse jogo entre o mesmo e o diferente que a paráfrase se constitui (LAGAZZI, 2015). Vejamos:

Figura 5: Colagem com a comparação entre partes do pijama listrado e do conjunto listrado



Fonte: Os próprios autores a partir das Figuras 1 e 2.

Considerando que “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória” (ORLANDI, 2015, p. 34),

olhemos primeiro para aquilo que se repete nas peças. Em primeiro lugar, destaca-se a composição do conjunto: camisa de mangas longas e calça. Ademais, as listras verticais em tons de azul e branco bem como a modelagem ampla são comuns a ambas as peças. Observam-se também, nas camisas, a gola e os botões simples; nas calças, destaca-se a ausência de detalhes que extrapolem as listras.

Entre o mesmo e o diferente que envolvem o procedimento parafrástico, destacamos também os aspectos em que os conjuntos/pijamas listrados se diferem. Afinal, para que haja paráfrase deve haver o diferente, se não estaríamos diante de uma simples cópia/reprodução. Um primeiro ponto a se considerar é o tecido das peças. O material do uniforme dos prisioneiros dos campos de concentração aparenta ser um pouco mais grosso e pesado; já o do conjunto listrado, leve e fluido. Outra característica distinta é a largura das listras por toda a roupa, bem como a sua disposição e a quantidade nas golas das camisas. Ademais, observa-se que a manga do conjunto à venda no Brasil possui um punho; já a do conjunto usado pelos prisioneiros judeus possui uma barra simples. No que tange a paleta de cores, o tom de azul diferencia-se um pouco.

No entanto, tais diferenças não anulam as regularidades, ou seja, aquilo que as peças têm em comum. Essas são mais potentes semanticamente e, uma vez percebidas pelo sujeito, não podem ser anuladas e não deixam de significar em nós. Afinal, enquanto sujeitos ideológicos, não controlamos os sentidos que são em e por nós produzidos. Desse modo, no batimento entre o repetido e o novo, afirmamos, a partir da análise discursiva empreendida, que, sim, o conjunto listrado brasileiro constitui-se como uma paráfrase visual do pijama listrado dos prisioneiros dos campos de concentração nazistas, constituindo-se em meio a um jogo equívoco entre (re)conhecer e (des)conhecer o prisioneiro do Holocausto (e portanto a História) e a filiação ideológica do sujeito-consumidor.

Conforme já mencionamos, Ferreira (1996, p. 44) afirma que “a zona do equívoco representa a área de tensão que corresponde ao encontro entre materialidade linguística e materialidade histórica que juntas e de forma simultânea constituem a materialidade discursiva”. Em um processo de paráfrase dessa citação e mobilizando-a para a nossa análise, diremos que é no encontro da materialidade estética – ligada à moda – com a histórica que se constitui a materialidade discursiva do conjunto listrado. Ao reproduzir já-vistos que remetem ao Holocausto, em uma situação discursiva inapropriada, como a produção e posterior venda como uma peça de roupa de uso cotidiano, é relevante dar escuta aos sentidos em tensão: o conjunto listrado põe em disputa sentidos contraditórios entre uma empresa que

reconhece e desconhece a História e o próprio sujeito-consumidor para o qual está se dirigindo.

Ainda um incômodo, só que final

Esta pesquisa foi motivada por um incômodo inicial que sentimos, ao observar a comparação, discutida nas redes sociais, entre um conjunto feminino à venda no comércio varejista brasileiro e os uniformes usados pelos prisioneiros judeus dos campos de concentração nazistas. Tal mal-estar se deu devido à possibilidade de estar diante de uma (infeliz) paráfrase visual de uma peça de roupa que remete a um período histórico lamentável da humanidade: o Holocausto. Visando sanar esse desconforto, desenvolvemos esta pesquisa a fim de responder à pergunta de por que essa associação era possível; afinal, listras são comuns no discurso da moda. No entanto, com o desenrolar da análise, percebemos que essas listras específicas não são – ou, pelo menos, não deveriam ser.

Após empreender uma investigação discursiva em torno desse objeto simbólico, identificamos que tal comparação ocorreu devido ao trabalho da memória discursiva e do interdiscurso. As listras verticais azuis e brancas em um conjunto de modelagem ampla formado por camisas com gola e mangas longas e por calças constituem uma composição estética própria da memória discursiva que envolve o Holocausto. Para um sujeito que faz parte de uma FD que (re)conhece a gravidade desse período histórico, a não associação do conjunto ao pijama é que seria impossível. Concluímos, assim, que é por meio dessa retomada do já-dito – ou do já-visto, se considerarmos a materialidade não-verbal – que o conjunto listrado produz seus sentidos. É, pois, por meio do trabalho incessante e incontornável do interdiscurso e da memória discursiva que ele pôde ser remetido ao genocídio do povo judeu. Mas, há que se considerar outros modos de identificação com o sujeito – em que o conjunto pode remeter aos personagens *Bananas de Pijama* ou a um estilo naval/casual de moda.

Ademais, com esta investigação, foi possível também afirmar que o conjunto listrado posto à venda se constitui como uma paráfrase visual dos pijamas listrados relacionados aos campos de concentração. Isso porque, com a tensão provocada pela repetição de elementos (como as listras, sua disposição e cores, bem como a modelagem e o estilo da roupa) e com a irrupção do novo (como nos detalhes dos punhos da manga e do tecido usado, além do contexto em que foi produzido), o conjunto à venda retorna a um conhecido espaço de dizer,

fazendo ressoar sentidos próprios das FIs que compõem a FD “de direita” ocupada pela posição-sujeito Riachuelo, principalmente, o de relativizar – pelo esquecimento – o Holocausto.

Tendo delineado tal percurso, porém, o incômodo inicial não cessou, uma vez que a contraditória possibilidade de que uma peça de roupa como essa tenha sido criada e comercializada, sem nenhum questionamento prévio, evidencia um Brasil ainda envolto pelos acontecimentos recentes que fizeram com que discursos e atos totalitários ganhassem espaço e voz. Justamente em meio ao equívoco, um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo: o conjunto posto à venda deriva/desliza para o uniforme do nazismo. O sujeito discursivo Riachuelo lança e coloca o produto à mostra e, posteriormente, o retira de circulação, mas essa imagem do conjunto listrado, em sua potência simbólica, não deixa de produzir efeitos.

Referências

FERREIRA, M. C. L. O estatuto da equivocidade da língua. In: LIMA, M. dos S.; GUEDES, P. C. *Estudos da linguagem*. Porto Alegre: DC Luzzano, 1996, p. 39-50.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

LAGAZZI, S. A imagem em sua potência de captura simbólica. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v. 18, p. 5890-5902, jun, 2021.

LAGAZZI, S. Paráfrases da Imagem e Cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In FLORES, G. G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. (Orgs.). *Análise de discurso em Rede: Cultura e mídia*. Campinas: Pontes, 2015, p. 177-189.

LEANDRO FERREIRA, M. C. O corpo como materialidade discursiva. *REDISCO*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.

LEANDRO FERREIRA, M. C. Memória discursiva em funcionamento. In: ROMÃO, L. M. S.; CORREA, F. S. *Conceitos discursivos em rede*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 141-152.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al. Papel da memória*. Campinas: Ponte, 1999, p. 49-57.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do discurso (ADD-69). In: GADET, F.; HAK, t. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a, p. 59-159.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, em parceria com a Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná.*

Submetido em: 06 de fevereiro de 2024

Aceito em: 12 de junho de 2024